



INTERESSE PELOS ALUNOS: UM ASPECTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA QUE ENSINA MATEMÁTICA

Jhenifer dos Santos Silva⁷⁵

João Ricardo Viola dos Santos⁷⁶

Resumo: Nosso objetivo neste trabalho é investigar o interesse pelos alunos de uma professora que ensina matemática, sendo este um aspecto de sua prática profissional. Para isso mobilizamos algumas noções do Modelo dos Campos Semânticos em uma análise qualitativa de um diálogo entre duas professoras. Este diálogo deriva de um dos encontros realizados com uma professora em seu ambiente de trabalho, sendo esses encontros foram gravados em áudio e vídeo. Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Algumas considerações em relação ao interesse pelos alunos desta professora dizem respeito a uma escuta plausível daquilo que os alunos falam e fazem, e uma preocupação com o preparo das aulas, bem como seu preparo para as aulas.

Palavras-chave: Prática profissional. Análise da Produção Escrita. Modelo dos Campos Semânticos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem por objetivo investigar a prática profissional de uma professora que analisa produções escritas em matemática. Esta pesquisa está vinculada ao projeto intitulado *Análise da Produção Escrita como Oportunidade para o Desenvolvimento Profissional de Professores que ensinam Matemática*, realizado em parceria pelo Grupo de Pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática (FAEM), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática e Avaliação (GEPEMA), da Universidade Estadual de Londrina. Este projeto tem como

⁷⁵ jhenifer.elda@gmail.com, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁷⁶ jr.violasantos@gmail.com, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

objetivo investigar potencialidades da análise da produção escrita para o desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática, e esta investigação, em particular, procura investigar a prática profissional do professor de matemática dentro deste viés.

Antes de prosseguirmos, é necessário esclarecer alguns pontos que são essenciais em nossa investigação. O primeiro deles refere-se ao que entendemos por prática profissional. Para nós, a prática profissional do professor de matemática vai além do ato de dar aulas, envolvendo o planejamento das aulas, relacionamento com alunos e membros dos corpos docente e administrativo da escola, vivências pessoais da professora e nossa participação neste processo. Acreditamos que fizemos parte da prática profissional da professora, já que nos reuníamos semanalmente em seu horário de planejamento e discutíamos sobre suas demandas profissionais, além de elaborarmos e implementarmos, em conjunto, algumas atividades que envolviam análise de produções escritas.

Outro ponto importante é sobre a análise da produção escrita. Em geral todo professor, de alguma forma, analisa produções escritas de seus alunos, corrigindo provas e trabalhos. Entretanto, quando falamos de análise da produção escrita, vamos além de uma simples correção. Quando professores se colocam em um processo de analisar produções escritas de seus alunos, eles têm, entre outras características, um real interesse por aquilo que seus alunos fazem e porque fazem, sendo que eles incorporam as aprendizagens desse processo em seus repertórios para organizar suas aulas. De acordo com as ideias de Buriasco (2004), o professor não busca o que falta no trabalho do aluno, e sim o que ele realmente fez, o que ele pensou ao produzir determinado trabalho escrito.

Em relação à formação de professores, a análise da produção escrita oferece oportunidades para investigar o que os alunos estão pensando, suas diferentes estratégias e diferentes raciocínios frente a um problema (BURIASCO, 2004). Também proporciona ao professor investigar que métodos funcionam no ensino de determinado conteúdo, quais assuntos merecem ser abordados novamente, que estratégias podem ser elaboradas para o ensino. Ou seja, ela contribui com o desenvolvimento do conhecimento do professor que ensina matemática, já que este conhecimento se desenvolve fazendo relações com a prática profissional do professor, e é próprio deste profissional. Assim sendo, em nossa investigação a análise da produção escrita foi um

disparador para nossas discussões. Buscando elaborar e implementar atividades que envolvessem análise de produções escritas, em nossos encontros discutíamos vários assuntos que faziam parte da demanda profissional da professora, os quais envolveriam temas diversos. Como já mencionamos anteriormente, temos como objetivo investigar aspectos da prática profissional da professora e a análise da produção escrita nos permitiu ter acesso a estes aspectos.

Um último ponto a ser esclarecido refere-se a nossa participação na prática profissional da professora e nesta investigação. Durante os encontros, a mestrande, que também é uma professora de matemática, teve intensa participação na prática profissional da professora em questão. As discussões eram pautadas pelas opiniões e sensações de ambas, o que era dito interferia no conhecimento⁷⁷ produzido por ambas. Por esse motivo, acreditamos que fizemos parte da prática profissional da professora, mestrande e orientador, pois tudo o que era feito e discutido nos encontros era refletido, direta ou indiretamente, nas ações da professora, em sala de aula e fora dela no que se referia à sua prática profissional.

Neste trabalho nosso objetivo é investigar o interesse pelos alunos de uma professora que ensina matemática, sendo este um aspecto de sua prática profissional. Para isso mobilizamos algumas noções do Modelo dos Campos Semânticos em uma análise de um diálogo entre duas professoras.

MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS

Para a realização desta investigação nos pautamos no Modelo dos Campos Semânticos⁷⁸ (MCS) proposto por Romulo Campos Lins. O MCS se dedica à “*manutenção da interação (ou de espaços comunicativos) declaradamente*”. Basicamente, este modelo prioriza a produção de significados, usando para tal, as noções de objeto e significado. De acordo com o MCS o sujeito se constitui por meio dos significados que produz e isso se dá através de suas falas, de suas enunciações.

Uma noção essencial, para nós, que Lins apresenta, é sua maneira de caracterizar o conhecimento, sendo

⁷⁷ Tomamos como conhecimento a caracterização proposta por Romulo Campos Lins, de acordo com o Modelo dos Campos Semânticos. Esta caracterização será explicitada mais adiante no trabalho.

⁷⁸ Neste trabalho apresentamos algumas noções do MCS. Para mais informações consulte Lins (1999; 2012).

(...) uma *crença* que *afirmamos* [...], e que assim o fazemos porque *nós, que o enunciamos*, acreditamos termos uma *justificação para fazê-lo* (e não precisamos esperar por uma autorização exterior para isto). (LINS, 2008, p. 541).

Com isso, o conhecimento produzido por um sujeito é particular e legítimo, não precisando da autorização de outros para ser externado. A partir do momento em que o sujeito produz seu conhecimento, ele tem suas justificações próprias que o permitem dizer o que efetivamente diz. Desta maneira, podemos fazer uma leitura plausível do outro, sem procurar o que falta em suas enunciações, tomando como legítimas suas ações. No momento em que assumimos esta caracterização de conhecimento, acreditamos que podemos tentar ler o sujeito pelo que ele efetivamente tem, pelo que ele efetivamente diz, já que ao fazer uma leitura plausível procuramos nos colocar no lugar do outro, buscando entender o porque ele diz o que diz, assim como afirma Lins (1999) que “Toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne todo o seu texto plausível.” (LINS, 1999, p. 93).

Durante nossas análises levaremos em consideração os modos de produção de significado das duas professoras inseridas no espaço formativo. De acordo com as ideias de Lins (2006) o modelo se destina à compreensão de como conhecer como as pessoas pensam, com a intenção de interagir com elas. Assim acreditamos que as noções de objeto, significado e conhecimento nos fornecem uma poderosa ferramenta para que possamos ler os processos de produção de significados e como eles acontecem, já que para nós, se uma pessoa acredita em determinada declaração, ela age de acordo com ela. Os processos de produção de significados e produção de conhecimento estão imbricados, acontecem simultaneamente. Além disso, o MCS nos possibilita fazer uma leitura de nossas próprias ações durante a investigação em campo já que, como pesquisadora, esta autora se constitui e age de acordo com as noções desse modelo quando está num processo de produção de significado. Nesse ponto poderemos fazer leituras do que acontece, das interações que ocorrem no espaço formativo que criamos.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Esta investigação é de caráter qualitativo, devido à natureza de nossos dados, nossos objetivos e intenções. Dentre as características desse tipo de pesquisa destacamos a predominância de dados descritivos, a ênfase no processo em detrimento

do produto, a responsabilidade do pesquisador em relação à sua pesquisa (GARNICA, 2001, p. 41).

Como nosso foco é investigar a prática profissional de um professor de Matemática, escolhemos uma professora da Educação Básica que atua em uma escola municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e leciona para alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A escolha desta professora se deu pelo fato de ela já ter participado de um grupo de trabalho no qual existiam discussões a respeito da análise da produção escrita, no ano de 2013. É importante ressaltar que não buscamos identificar impactos deste grupo de trabalho em sua prática profissional. A escolha da professora se deu por ela ser uma professora com a qual tínhamos contato e que estava disposta a trabalhar com atividades que envolviam análise de produções escritas em matemática, e que aceitou fazer parte desta investigação.

Num período de quatro meses realizamos encontros semanais com a duração de duas horas cada. Somente o primeiro encontro teve a duração de uma hora já que nos posteriores a professora tinha duas horas disponíveis para nos reunirmos, devido a uma alteração em seu horário de aulas na escola em questão. Estes encontros aconteceram nas dependências da escola onde a professora trabalha, devido ao fato de acreditarmos que a prática profissional envolve o espaço físico escolar, as relações entre os membros dos corpos docente e administrativos, o ato de planejar aulas, corrigir provas, as demandas pessoais da professora, entre outros, como já explicitamos anteriormente. Deste modo, ao realizarmos os encontros na escola, podemos fazer uma leitura de como a professora lida com este ambiente e com os indivíduos que dele fazem parte. Os encontros foram gravados em áudio e vídeo e posteriormente transcritos.

Neste trabalho escolhemos o primeiro encontro, ocorrido no dia 11 de agosto de 2014, uma segunda-feira no período matutino, para uma primeira análise. Escolhemos este encontro por ser o primeiro de um total de 12, que aconteceram de agosto a dezembro deste mesmo ano, e por já apresentar um aspecto que julgamos importante na prática profissional da professora: interesse pelos alunos. Este aspecto se mostrou muito forte no decorrer dos encontros realizados. Vale ressaltar que outros aspectos nos chamaram atenção, como por exemplo suas relações profissionais com os professores da escola, a questão da inclusão no contexto escolar. Dado o escopo deste artigo, não trataremos destes aspectos.

A seguir trazemos uma descrição de como foi este encontro e, na sequência, apresentamos um excerto de um dos diálogos que estabelecemos neste encontro.

UM PRIMEIRO ENCONTRO

Neste encontro conversamos a respeito de coisas mais gerais, tais como aulas, alunos e professores, já que tínhamos a intenção de conhecer a rotina da professora. A professora é casada, mãe de quatro filhos, sendo dois meninos e duas meninas, e trabalha em duas escolas municipais de Campo Grande. Durante o tempo em que estivemos juntas, ela nos contou como são os alunos para os quais leciona na escola do período matutino, que é o local onde foram realizados os encontros, e como é seu relacionamento com eles. Também contou como é trabalhar naquela escola e como é seu relacionamento com os outros professores e demais membros dos corpos docente e administrativo.

Nosso encontro ocorreu numa segunda feira de agosto, na sala dos professores, às 10 horas da manhã. Durante nossa conversa vários professores entraram na sala e conversaram conosco, principalmente a supervisora, assim como nos demais encontros. Além disso, era possível escutar o barulho que vinha da quadra de esportes, que é próxima a sala dos professores, e onde os alunos do nono ano estavam ensaiando um número musical para uma apresentação. Isso acontecia devido ao fato de a escola ser pequena, contando com uma sala para cada ano escolar do ensino fundamental.

No decorrer do encontro notamos alguns temas que, nos encontros posteriores voltaram a se repetir, e que para nós se mostraram significativos. Na descrição deste encontro destacamos o interesse pelos alunos como um dos aspectos da prática profissional desta professora. A seguir apresentamos um excerto de nosso diálogo⁷⁹ que justifica nossa afirmação:

Minerva: ... eu gosto muito que eles discutam comigo em sala de aula né, eu gosto sempre de abrir assim um espaço de discussão: “O quê que você acha? Como você pensa?” Por exemplo, eu já tive conteúdo que eu pensei assim “Não, eu vou começar assim!” Aí você chega lá e vê que o aluno fala de uma coisa completamente diferente daquilo, e aí eu fico pensando como é que eu vou pegar um gancho nisso? Tem que pegar um gancho, né.

Hermione: E essa questão de espaço discussão, você gosta que eles discutam em todas as turmas? Você gosta disso?

⁷⁹ Os nomes das duas professoras são fictícios.

Minerva: É. Que dê condição. E às vezes até mesmo por conta do conteúdo, porque você sabe: tem que cumprir o conteúdo programático (...) Porque às vezes fica meio complicado pra gente trabalhar alguns conteúdos em sala de aula, que dê pra abrir assim um espaço pra discussão. Mas eu estou sempre procurando assim, por exemplo, Olimpíada Brasileira de Matemática mesmo, nós temos os livros que eles mandam, eu sempre levo alguma coisa pra sala, depois eles separam em grupos, cada grupo tenta resolver ao seu modo, depois a gente vem com a discussão. Cada um fala como que entendeu, enfim... é um trabalho meio que complicado. Porque você sabe que demora né, demora bastante e às vezes eles chegam em casa e os pais falam “mas não fez nada hoje!”, então eu tenho que estar sempre temperando as coisas.

(...)

Então se eu falo, eu brinco muito com eles, eu os abraço, beijo bastante, porque a gente sabe que as pessoas, às vezes, elas têm aquele lado da carência, né. Assim quando eu falo, eles automaticamente me atendem. Não tenho muito, muita coisa, muitos problemas com eles né. Não tenho, não tenho problemas e eles assim, são pessoas... eu vejo os alunos como... parte de mim. Porque, por exemplo, toda a minha manhã eu passo nessa escola, eu convivo com eles, eles fazem parte da minha vida, contam um pedaço da minha história. Então eu tenho um carinho muito grande por cada aluno né, por cada um dos alunos. Eu acho que eles são pessoas que precisam de mim, como eu preciso muito deles. Então eu acredito que por isso que existe essa troca sabe Hermione...

Hermione: Uhum.

Minerva: ... na verdade o que existe entre nós é uma troca, eu preciso desses alunos e eles precisam de mim. Por eles precisarem muito de mim, eu procuro fazer o quê? Eu procuro fazer com que eles se interessem pelas minhas aulas. Eu tenho essa preocupação sabia? O quê que eu vou falar pra esse aluno se interessar pela minha aula?

(...)

Mas o meu interesse mesmo é minha sala de aula, como é que isso acontece. Eu fico assim me perguntando “gente eu preciso entender isso, como é que minha sala acontece, como é que isso tudo acontece?” Porque esse aluno... eu acredito assim, que eu só consigo estudar aquilo que me interessa.

E eu preciso fazer com que o aluno se interesse... se o aluno não se interessar pela minha matéria, pelo menos em mim ele tem que ter o interesse. E eu vejo que eu desperto muito isso neles. Eles falam assim às vezes “ai professora, a gente queria que você ficasse o tempo todo aqui”, tem aluno que fala “eu não gosto da sua matéria, mas eu queria que você ficasse aqui o tempo todo”. Bom aí eu falo, de alguma forma eu atinjo esse aluno.

(...)

E... e é isso! De alguma forma eu tento atingir o meu aluno, né. Por exemplo, nesse ano quando eu trabalhei os números inteiros, eu trabalhei o varal. Como foi mais fácil depois! Sabe, pra eles se encontrarem na reta numérica, porque aí eles vão conseguindo, vão entendendo melhor. Então assim Hermione, eu procuro fazer isso, encontrar um vídeo, um texto. Eu gosto muito de trabalhar com eles assim. Eu levo um texto, um vídeo né, aí tem o blog... porque quando nós vamos pro laboratório, minha aula já está pronta no blog. Eu monto as aulas do blog, no blog mesmo e assim... eu procuro fazer isso, fazer com que eles possam interagir comigo! Isso é o mais importante, é essa interação.

(...)

...Ultimamente eu ando muito me questionando sobre aquela questão do falar, cada um fala numa direção né. Às vezes você está falando numa direção e o seu aluno está entendendo em outra direção e ele começa a falar em outra direção, e você acha que ele está indo na mesma direção que você, mas na verdade ele não está! Então a gente precisa tomar muito cuidado, porque quando você avalia o aluno e percebe, fala “perai eu achei que ele tinha entendido tudo e eu vi que ele não entendeu nada. Vamos retomar isso, vamos discutir mais...” Vamos explorar mais o aluno referente a essas coisas. Então eu acho assim, que é preciso que se entenda mais sobre avaliação. É preciso que... que se aplique mais que a avaliação é contínua, ela é todos os dias, ela é aquilo que eu faço, é aquilo que eu estou produzindo...

(...)

Até um dia o pai veio me questionar que eu não fiz nada em duas aulas, que trabalhei dois exercícios e eu não dei nada naquele dia. Eu falei, olha pai, o senhor disse bem, a aula é minha! Faço da minha aula o que eu quiser. E eu sou uma profissional muito séria, eu venho pra escola pra trabalhar, não sou como muitos. Agora, se o que você quer é que eu chegue na sala e dê uma lista com 20 exercícios pra sua filha e sente, pra mim está ótimo, eu estou agradecendo! Porque o meu salário no final do mês vai estar na minha conta! Porque essas discussões me dão muito trabalho, porque até você fazer o guri falar, até todo mundo conseguir entender a situação demora! É assim mesmo, demora. Aí deram uma amenizada, mas.... é meio complicado. Em algumas situações é meio complicado trabalhar aqui por conta que.... boa parte dos pais não aceita os filhos que tem. Como eu te falei! Hermione, eu não sei mas, se algum dia a escola me chamar ou eu perceber alguma coisa nos meus filhos, a primeira coisa que eu vou fazer é encaminhar pra um psicólogo, pra um psicopedagogo, pra um psiquiatra, pra fazer uma avaliação. Porque aqui é muito assim, aparência. Eles não aceitam que o filho de repente tenha algum problema, alguma coisa... (...) E ninguém tem compromisso, responsabilidade por essas crianças, porque quem quer ter um filho problemático? Ninguém quer, ninguém quer ter problema! Eu falo que as pessoas não querem ser pais nem mães, porque ser pai e mãe vai muito além de tudo, de ter filho bonito sabe, vai muito além. Ser pai e mãe é pra vida toda gente! É uma coisa pra vida toda e quanto mais tarde você for pai, você for mãe... menos tempo de problema, de repente, você vai se deparar né! Entendeu? É lógico que é muito bom, é muito gostoso, eu me realizo né, tendo toda aquela galera lá na minha casa, mas é toda aquela situação: se meu filho tiver algum problema eu vou abraçar a causa. E muitos pais não fazem isso. Chato né... Fico com dó até, mas fazer o quê? Não tem outro jeito né...

Hermione: E faz diferença né, esse interesse dos pais nos filhos? Eu lembro que meus pais trabalhavam o dia todo e meu pai chegava lá pelas 19 e minha mãe bem mais tarde. Mas eles sempre olhavam meus cadernos, perguntavam como é que estava, quando eu não sabia fazer tarefa eles me ajudavam... um ou outro, o que estivesse mais próximo... e me incentivavam né.

Minerva: E isso faz uma diferença né? Isso faz assim uma diferença muito grande porque eu olho! Eu não quero saber, é um ritual. Quando eu chego em casa, eu olho na mesa da cozinha e já estão todos os cadernos lá. E eu olho de todo mundo, até da mais velha. Eu olho, eu quero saber o que está acontecendo, se está tudo bem lá, como é que foi sabe?

ALGUMAS ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES

O interesse pelos alunos se revela como um aspecto considerável da prática profissional da professora Minerva, e isso se mostra em suas falas. Muitas vezes, o interesse pelos alunos pode ser confundido como aquele no qual o professor, dando sua aula para o quadro, se vira e pergunta se todos entenderam. Ao escutar um sim coletivo ele se dá por satisfeito, sem perceber que lá no canto, um aluno não respondeu, apenas se manteve calado. Pode também ser aquele no qual o professor chega em sala, organiza seu quadro, passa os exercícios que devem ser feitos naquela aula e, quando o sino bate, sai da sala em direção à outra sala. Ambos os exemplo citados são legítimos, são realizados e se mostram desta maneira porque os professores que os realizam os fazem porque acreditam que, fazendo isso, estão interessados em seus alunos, e que desta maneira eles irão se desenvolver.

No caso da professora Minerva, esse interesse se mostra um aspecto central em sua prática profissional, e se desdobra em várias caracterizações. Um primeiro desdobramento é o interesse pelo aluno no que diz respeito à preocupação com o que o aluno diz e faz. No trecho a seguir podemos observar isto acontecendo:

“... eu gosto muito que eles discutam comigo em sala de aula né, eu gosto sempre de abrir assim um espaço de discussão: “O quê que você acha? Como você pensa?” Por exemplo, eu já tive conteúdo que eu pensei assim “Não, eu vou começar assim!” Aí você chega lá e vê que o aluno fala de uma coisa completamente diferente daquilo, e aí eu fico pensando como é que eu vou pegar um gancho nisso? Tem que pegar um gancho, né.”

Ao perguntar o que o aluno acha de determinado assunto e o que ele realmente pensa, a professora se mostra preocupada em chegar até ele, em colocar-se no lugar dele de modo a fazer uma leitura plausível de suas ações e falas. Outra coisa que nos salta à vista é a preocupação que ela tem em buscar diferentes maneiras de abordar um conteúdo, o que é salientado em sua intenção de buscar um gancho no que o aluno diz para então tentar seguir sua aula conforme o planejado.

Outro desdobramento deste aspecto se revela em sua preocupação em fazer relações com os conteúdos que foram estudados e com os que são programados, já que, como Minerva salienta, *“...às vezes fica meio complicado pra gente trabalhar alguns conteúdos em sala de aula, que dê pra abrir assim um espaço pra discussão.”*, e de acordo com ela, é necessário cumprir o conteúdo programático, mas isto deve ser feito levando em consideração o que seus alunos pensam, o que pode ser alcançado por meio

das discussões que ela realiza com eles em sala de aula, promovendo um trabalho detalhado do conteúdo.

Ao mesmo tempo em que este aspecto se mostra como uma preocupação em fazer relações, ele se mostra como um limitador, pois suas discussões demandam tempo e existe a cobrança para se cumprir o conteúdo programático de cada série escolar. Com esta faceta, o interesse pelos alunos que Minerva é limitado, no sentido de restrição, de limite, de fronteira, já que ela não pode fazer as discussões do modo como queria, sendo necessário diminuir a quantidade delas, e isto pode ser notado pela sua seguinte fala: “*é um trabalho meio que complicado. Porque você sabe que demora né, demora bastante e às vezes eles chegam em casa e os pais falam “mas não fez nada hoje!”*, então eu tenho que estar sempre temperando as coisas.”. Este temperar é o dosar, de maneira que os alunos se beneficiem tanto das discussões promovidas quanto pelas exigências das normas de ensino da escola. Por meio deste temperar, Minerva tenta dar o máximo que consegue para seus alunos.

Seu interesse pelos alunos também se desdobra no ponto de vista de olhá-los como seres humanos, como mostra o trecho a seguir:

Minerva: ...eu brinco muito com eles, eu os abraço, beijo bastante, porque a gente sabe que as pessoas, às vezes, elas têm aquele lado da carência, né. Assim quando eu falo, eles automaticamente me atendem. Não tenho muito, muita coisa, muitos problemas com eles né.

Eu acho que eles são pessoas que precisam de mim, como eu preciso muito deles. Então eu acredito que por isso que existe essa troca sabe Hermione...

Hermione: Uhum.

Minerva: ... na verdade o que existe entre nós é uma troca, eu preciso desses alunos e eles precisam de mim. Por eles precisarem muito de mim, eu procuro fazer o quê? Eu procuro fazer com que eles se interessem pelas minhas aulas. Eu tenho essa preocupação sabia? O quê que eu vou falar pra esse aluno se interessar pela minha aula?

Para Minerva, seus alunos são pessoas, pessoas que precisam dela tanto quanto ela precisa deles. Ao olhá-los desta maneira, ela se mostra aberta a aprender com eles, e não somente a ensiná-los. Com este olhar ela se constitui como professora a partir de suas vivências com seus alunos, de seus diálogos, de suas ações e também se transforma com isso, como ela mesma afirma ao dizer que seus alunos fazem parte de sua história.

Por fim, um ultimo desdobramento deste aspecto de sua prática profissional se torna aparente na seguinte fala:

“...ultimamente eu ando muito me questionando sobre aquela questão do falar, cada um fala numa direção né. Às vezes você está falando numa direção e o seu aluno está entendendo em outra direção e ele começa a falar em outra direção, e você acha que ele está indo na mesma direção que você, mas na verdade ele não está! Então a gente precisa tomar muito cuidado, porque quando você avalia o aluno e percebe, fala “peraí eu achei que ele tinha entendido tudo e eu vi que ele não entendeu nada. Vamos retomar isso, vamos discutir mais...” Vamos explorar mais o aluno referente a essas coisas.”

Aqui vemos a preocupação da professora em assumir que os alunos pensam de maneiras distintas, falam em direções diferentes. Ao perceber que isso pode ocorrer em sala de aula, ela se mostra cada vez mais preocupada em fazer uma leitura plausível do que o aluno diz, buscando entender o que ele realmente está dizendo. Ao assumir a perspectiva de que em sala de aula, professores e alunos podem falar em direções contrárias, ela se esforça para que isso seja notado por ela, para que ela possa saber o que o aluno efetivamente está dizendo e pensando e assim poder chegar até ele.

Poderíamos elencar aqui outros desdobramentos do aspecto *interesse pelos alunos*, mas acreditamos que, pelo que expomos, podemos dizer que, de modo geral, este aspecto está vinculado à escuta daquilo que o aluno fala, ou seja, uma leitura plausível de suas falas e ações por parte da professora Minerva. Também está vinculado ao preparo de suas aulas e ao seu próprio preparo para dar aulas, que são coisas distintas, já que mesmo decidindo começar a aula de determinada maneira, ao escutar seus alunos ela pode mudar completamente a condução de sua aula para acompanhar o que os alunos estão dizendo e fazendo, e assim fazer com que eles tenham seu interesse despertado.

REFERÊNCIAS

- BURIASCO, R. L. C. Análise da produção escrita: a busca do conhecimento escondido. XII ENDIPE. In: ROMANOVSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: a aula, as aulas nas ciências naturais e exatas, aulas nas letras e artes**. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 243-251.
- GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35- 48, 2001.
- LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In. BICUDO. M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. Rio Claro: Editora Unesp. 1999. p. 75-94.
- _____. Characterising the Mathematics of the Mathematics Teacher from the point of view of Meaning Production. 2006b.

_____. A diferença como oportunidade para aprender. In: Peres, E. et al. (Orgs.). Processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura: livro 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 530-550.